

Elsa Oliveira Dias: resenha sobre *Da pediatria à psicanálise*, de D. W. Winnicott

Winnicott, D. W. (1958). *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

Elsa Oliveira Dias

IBPW/IWA

1. Expectativas levantadas pela edição de quatro livros de Winnicott pela Ubu

No final de 2021, foi lançada pela editora Ubu, sob o título *Da pediatria à psicanálise*, a 4ª edição brasileira do livro de Donald Winnicott, de 1958, *Collected Papers: Through Paediatrics to Psycho-Analysis* (Tavistock Publications). A editora já lançara três outros livros do mesmo autor: *Tudo começa em casa*, *Os bebês e suas mães* e *O brincar e a realidade*, mas apenas os dois últimos mereceram tradução nova, confiada a Breno Longhi. Em um deles, foram acrescentados três textos curtos de Winnicott, inéditos em português, totalizando 20 páginas. Os dois outros livros foram lançados em traduções antigas, “atualizadas” conforme critérios estabelecidos por um conselho técnico composto por Anna Lila Lejarraga, Christian Duncker, Gilberto Safra, Leopoldo Fulgencio e Tales Ab’Sáber, profissionais conhecidos, com publicações sobre Winnicott. Para quem estuda e pesquisa Winnicott ou se deixa orientar por ele na sua prática clínica, a notícia de uma nova edição brasileira desses livros, todos esgotados, ou quase, foi altamente alvissareira. Essa reedição da tradução publicada pela Imago do livro sobre a pediatria e psicanálise atrai atenção especial, pois nele estão reunidos alguns dos artigos seminais de Winnicott, que mostram, segundo o próprio autor no Prefácio da obra, “que a pediatria é um dos caminhos legítimos em direção à psicanálise, e até um bom caminho”. É justamente ao longo desse caminho que irão se desenvolver muitas de suas ideias-mestras.

As 1ª e 2ª edições brasileiras dessa obra saíram pela Francisco Alves, respectivamente em 1978 e 1982, sob o título *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise*, com tradução de Jane Russo e revisão técnica de Sérvulo Augusto Figueira. A 3ª, intitulada *Da pediatria à psicanálise. Obras escolhidas*, saiu pela Imago, em 2000, com tradução de Davy Bogomoletz. Além de ser um bom conhecedor da língua inglesa, Davy tinha grande familiaridade com a obra do autor e dedicou os maiores cuidados à tradução. Quando tinha dúvidas, dispunha-se a

esclarecê-las levando seriamente em conta o trabalho de tradutores anteriores – valeu-se em particular das traduções de Winnicott para o francês de Jeannine Kalmanovitch – e discutindo com seus pares e amigos. Foram muitas as conversas, não só instrutivas como divertidas, que Loparic e eu tivemos com ele, conforme ele mesmo assinalou em sua nota inicial “Sobre a Tradução”. Além dessa nota, em que explica várias das suas escolhas de tradução, Davy acompanhou o texto de Winnicott com uma série de notas de tradutor, constituindo assim, pela primeira vez no Brasil, os elementos de um aparato crítico para a leitura, em português, de um livro de Winnicott. Ele sabia que a obra de Winnicott tem extraordinária unidade interna, de modo que cada palavra é importante para preservar o sentido da totalidade de seu pensamento. E se dizia escandalizado por certas traduções que revelam desconsideração pela obra do autor e pelos leitores. Sobre a tradução do livro de Jan Abram, *A linguagem de Winnicott*, lançado pela Revinter, do qual fez uma resenha, Davy não hesitou em falar em “delito editorial” e em afirmar que “caberia aqui, inclusive, com inteira legitimidade, o recurso àquilo que outras indústrias chamam de *recall* quando oferecem conserto ou substituição gratuita aos que adquiriram produtos defeituosos ou problemáticos em sua utilização” (*Rev. Natureza Humana*, 2001, vol. 3, nº 1, pp. 185-186).

Não é difícil entender Davy. Historicamente falando, as traduções da obra de Winnicott para o português estão longe de serem boas e falham muito em precisão conceitual (embora nesse quesito sejam melhores que a maioria das edições francesas que, além de conceitualmente imprecisas, modificam a distribuição dos artigos nos livros, alteram títulos etc.). Algumas das edições brasileiras falharam por simples negligência do tradutor ou do revisor, tolerada talvez devido ao fato de, no Brasil, durante décadas, Winnicott ter sido considerado não um clássico, mas um autor menor, de tal modo que sua obra não era tratada com o devido cuidado. A título de exemplo, menciono dois desses erros, infelizmente entre muitos: no capítulo 23 de *O ambiente e os processos de maturação*, da Artmed, o termo *maimed* do original, que significa *mutilado*, foi traduzido por “mimado”! (p. 228) Outra negligência, não menos grave, encontra-se no cap. 3 desse mesmo livro, onde um “não” é omitido, o que obviamente altera por completo o sentido da seguinte frase: “Os acontecimentos desses estágios iniciais podem [no original *cannot be*, não podem] ser vistos como perdidos através do que denominamos mecanismos de repressão [...]” (p. 39).

Mas nem todos os erros das traduções brasileiras têm caráter de simples negligência; muitas vezes, o erro parece dever-se, bem mais, ao desconhecimento, quando não do inglês, então do novo paradigma formulado por Winnicott, da sua linguagem muito pessoal e das suas teorias assumidamente revolucionárias. Com frequência, o tradutor desliza para os vocábulos

da psicanálise tradicional – darei exemplos no que segue –, reordena a sequência ou mesmo omite os termos utilizados por Winnicott. Ora, se uma nova teoria é versada num velho vocabulário, aplaina-se, com isso, a radical diferença que ela contém – no caso, entre Winnicott e a psicanálise tradicional. No que se refere a omissões, veja-se, por exemplo, as traduções dos títulos. *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*, escolhido pelo próprio Winnicott, foi traduzido por *O ambiente e os processos de maturação*. Seria plausível pensar em pura negligência quando se constata a mudança na ordem dos termos e a omissão do termo “*Facilitating*”, qualificativo winnicottiano constante do “ambiente”? Por respeito ao autor e ao leitor, caberia uma justificativa para tal modificação e omissão.

E o que dizer do título *Privação e delinquência* como tradução de *Deprivation and Delinquency*? Neste caso fica borrada a distinção essencial de Winnicott entre *privation* e *deprivation*, duas consequências de falhas ambientais, uma mais primitiva, a *privation*, que se manifesta em psicose, e a segunda, a *deprivation*, que ocorre num momento mais adiantado do amadurecimento, quando há perda súbita de algo com que o indivíduo contava e passa a não mais contar, e que se manifesta como tendência e comportamento antissociais. Esses dois termos nomeiam, portanto, diagnósticos diferenciais e exatamente isso fica apagado pelo título dado à edição brasileira.

Gostaria de destacar que a tradução de Bogomoletz não satisfaz seus próprios critérios de excelência, conforme assinalarei no que segue. Tenho certeza de que, ao proceder assim, mantereí viva a nossa relação de trabalho, franca, crítica e amiga, que se interrompeu com a morte recente de Davy.

Tendo em vista a má qualidade de grande parte das traduções brasileiras de Winnicott, havia muita expectativa de que a Ubu iria reverter essa situação e produzir traduções de nível significativamente melhor que o das existentes, que pudessem ser utilizadas como material confiável para ensino e pesquisa. Na presente resenha, deter-me-ei principalmente no último dos quatro volumes editados pela Ubu, que utiliza, com “atualizações”, a tradução de Bogomoletz lançada pela editora Imago, hoje esgotada. Outras resenhas deste *Boletim* poderão dedicar-se à análise crítica dos volumes restantes.

2. Problemas de tradução do inglês (estou utilizando, do original, a edição de 1984 da Karnac Books)

Na nova edição, muitas correções de equívocos ou simples imprecisões da tradução de Bogomoletz foram realizadas. Como ilustração, listo ao acaso, as seguintes: a frase, no final do

2º parágrafo do texto “Retraimento e regressão” (1954). No original: *My management of these withdrawal states...* (p. 255); Bogomoletz traduziu: “O modo como lidei com esses estados...”, o que, embora correto, omite o termo que designa um conceito clínico de Winnicott – *management* – característico de sua “análise modificada”. Na presente edição, a tradução é: “Meu manejo desses estados foi...” (p. 427). Nesse mesmo texto, faltava uma expressão, “ele mesmo” (p. 431), quase ao final do episódio 4 (p. 258 na Karnac), que é importante na frase e que foi resgatada na nova edição. A tradução do termo *helplessness* (Karnac, p. 184), vertido como “desesperança” por Bogomoletz, foi melhorada pelo termo “impotência”. (Ubu, p. 342)

Contudo, permanecem vários pontos na tradução da Ubu que merecem comentários críticos. Para listá-los, ainda que apenas em parte, utilizei as anotações críticas sobre as traduções brasileiras, inclusive a de Bogomoletz, que venho reunindo desde o início dos meus estudos sobre Winnicott, às quais adicionei os erros relativos a essa tradução “atualizada”. Aqui vão alguns itens da minha errata das duas edições.

Na Karnac, p. 45, consta: *There is confirmation from his mother's early description of him that this attitude [...]*; tradução na Imago, p. 104: “Não há confirmação por parte de sua mãe de que essas atitudes [...]”. A Ubu, p. 135, repete o erro: “Não há confirmação por parte da sua mãe de que essas atitudes [...]”.

Na Karnac, p. 146, Winnicott fala da diferença entre um paciente que necessita da análise da ambivalência de seus relacionamentos externos e um paciente deprimido. Em seguida, lê-se, no original: *In the former case*, isto é, no primeiro caso. A tradução, contudo, tanto da Imago como da Ubu, diz: “Neste último caso”.

No original, p. 146, consta: *Let me try to describe different types of psycho-analysis*. Winnicott está propondo distinguir diferentes tipos de psicanálise. Ele já começa aqui a se referir à sua psicanálise modificada, que não se resume a um novo tratamento, mas também à teoria subjacente a este, o que inclui uma nova concepção da etiologia do distúrbio. Tradução na Imago, p. 219, e da Ubu, p. 282: “Permitam que eu descreva alguns tipos de tratamento psicanalítico”.

No original, pp. 191-2, lê-se: *subsequent to birth the intellect can continue to expect and even to go out to meet persecutions*. Na tradução da Ubu, p. 354, retomando a da Imago, encontra-se: “depois do nascimento o intelecto pode continuar a esperar e mesmo ir de encontro às perseguições”. Mas Winnicott fala em ir “ao encontro de” e não em “ir de encontro a”.

Na edição da Imago, o título do capítulo 17, “Psychoses and Child Care”, ou seja, “Psicoses e o cuidado da criança”, foi traduzido incorretamente por “Psicoses e cuidados maternos”. O título fala do cuidado de quem e não por quem. A imprecisão permanece na Ubu.

3. Problemas na tradução de termos técnicos

Existem, ainda, problemas na tradução de termos técnicos que já constavam na edição da *Imago* e que reaparecem na edição da *Ubu*. São questões de extrema importância, pois se trata, em suma, do estabelecimento do vocabulário do paradigma winnicottiano. A título de exemplo, discutirei as traduções de *self*, *setting*, *ruthless* e derivados, *concern*, *greed* e *greediness*.

1. *Self*

Bogomoletz traduziu *self* por “eu”. Nós lhe sugerimos traduzir *self* por “si-mesmo”, como fazemos na Escola Winnicottiana de São Paulo. A tradução de *self* por “eu” tem óbvias dificuldades. “Eu” é a tradução habitual de “I” ou “me”. E não é idiomática, pois sugere, por exemplo, que se traduza *Take care of yourself*, pela expressão “Cuide do seu eu” e não, simplesmente, “Cuide-se”. Tratando-se de Winnicott, isso se transforma ainda em dificuldade conceitual, dada a clara distinção que faz entre “self” e “eu”: a ideia de um *self*, na linha do amadurecimento, antecede a conquista de um “eu”. Trata-se de uma “longa jornada” de amadurecimento que precisa ser percorrida para que o *self* primário – de início não-integrado e fusionado (*merged*) com a mãe-ambiente – se torne, aos poucos, integrado e separado, alcançando o estatuto unitário de um “eu”, uma identidade unitária.

Na atual edição da *Ubu* essa correção foi feita. O problema é que a correção não foi uniforme; não são contempladas todas as ocorrências e a tradução de *self* aparece ora como “self”, ora como “eu”. Ver, por exemplo, *Ubu*, pp. 251, 292, 451 e 475. Se a correção não é uniforme, seria necessário justificar quando se altera e quando não se altera a tradução da *Imago*.

Encontra-se também, na nova edição, a tradução de *self* por “si”. Winnicott diz, por exemplo: *Relationships produce loss of the sense of self* (1958, p. 222). Bogomoletz havia traduzido do seguinte modo: “Os relacionamentos provocam uma perda da sensação de ser” (p. 310). Aqui há dois problemas: *sense* não se traduz por “sensação”, antes por “senso”, nem *self* por “ser”. Na nova edição, está assim: “Os relacionamentos provocam uma perda do senso de si” (p. 399). Os dois problemas foram corrigidos de forma correta.

2. *Setting*

Na edição da *Imago*, o termo *setting* foi traduzido insatisfatoriamente, a meu ver, por “contexto”. Em Winnicott, o *setting* é, em primeiro lugar, um ambiente de cuidado e confiança,

com as condições que se fazem necessárias para um dado paciente segundo sua maturidade ou imaturidade, incluindo o ambiente inicial, o entorno pessoal e físico – que acolhe e facilita, ou que falha em facilitar – os processos maturacionais do bebê e do paciente. Na falta de um termo melhor, Bogomoletz poderia ter optado por manter o termo em inglês, já bastante habitual na literatura. A Ubu ficou no meio do caminho. Na p. 474, se lê: “terá ocorrido uma regressão do paciente no setting analítico, e o setting então representa a mãe” e, logo adiante, na mesma página: “A regressão de um paciente é um retorno organizado à dependência inicial ou à dupla dependência. O paciente e o contexto (*setting*) fundem-se”. Além de a tradução variar na mesma frase, fica de fato estranho dizer que o paciente se funde com o “contexto”.

3. *Ruthless*

Convém que as traduções de *ruthless* e *concern* sejam examinadas conjuntamente, pois, na obra de Winnicott, os termos estão intimamente articulados, sendo que o adjetivo *ruthless* qualifica o estado primitivo em que não existe ainda a capacidade para o *concern*. Na perspectiva da sua teoria do processo de amadurecimento, Winnicott fala da passagem do estágio de *pre-ruth* ao de *ruth* (Karnac, p. 265), empregando esses dois termos pouco utilizados na língua inglesa. E utiliza o termo *ruthless* para falar do bebê no estágio de *pre-ruth*: o bebê mama e usa a mãe simplesmente por estar vivo e precisar dela; mama até vorazmente, se estiver com muita fome, sem ainda sentir-se implicado nessa ação; ele não é ainda alguém capaz de se sentir responsável por seus atos, desde a posição de primeira pessoa. Em seguida, o bebê alcança o *ruth*. *Ruth* é uma palavra rara em inglês, derivada do verbo *rue*, arrepende-se, sentir amargamente as consequências de seus atos, desejar desfazê-los; tem a mesma raiz do substantivo alemão *Reue*, arrependimento, desejo ardente de desfazer um ato do passado. Não se trata exatamente de remorso, que é um tormento infligido pela consciência da lei moral. Depois de alcançar *ruth*, o bebê poderia ser dito *ruthful*. *Ruthful* significa arrependido, no sentido de quem lamenta seus atos e desejaria desfazê-los, o oposto de *ruthless*. Winnicott prefere dizer *concerned*, o que significa que o bebê já adquiriu a capacidade de sentir-se *tocado*, culpado, no sentido de se sentir responsável pelos resultados de sua impulsividade instintual (Karnac, p. 206). Na descrição desses sentimentos que surgem no *stage of concern*, Winnicott enfatiza a dimensão ética originária do sentimento de *concern* – aqui estamos na raiz da ética do cuidado – e situa em estágios mais avançados o surgimento da ética da lei. O *ruth* do bebê tampouco se refere, como na religião judaico-cristã, à disposição para a penitência, mas antes

à prontidão para contribuir; o bebê que se sente *concerned* não é um penitente, mas alguém capaz de se identificar com os outros, empatizar, contribuir efetivamente.

Vejam agora as traduções correspondentes. Na 1ª edição brasileira do livro aqui resenhado, pela Francisco Alves, o termo *ruthless* foi traduzido por “cruel” e *ruthlessness* por “crueldade”. Ora, ser cruel significa ser maldoso propositadamente, querer fazer o mal. No contexto da teoria winnicottiana do amadurecimento, é errado atribuir crueldade aos bebês no período de *pre-ruth*. O bebê winnicottiano morde, mas não propositadamente, pois nem há maturidade suficiente para tanto, diz Winnicott. A tradução da Francisco Alves anula ainda o caráter maturacional do conceito de *ruth* e derivados. Além disso, carrega uma conotação constitucional – um bebê cruel e destruidor, em sua natureza, o que aproximaria Winnicott da teoria kleiniana, como se se tratasse de um elemento constitucional relacionado, quem sabe, à pulsão de morte, conceito que Winnicott sempre recusou. Esse mesmo erro de tradução repete-se, por exemplo, na edição brasileira de *The Piggle* (Imago) em uma das observações laterais à página 49 e em *Os bebês e suas mães* (Martins Fontes), à p. 26.

O erro havia sido corrigido, numa certa medida, por Bogomoletz, que traduziu *ruthless* por “impiedoso” e *ruthlessness* por “ausência de compaixão” (Imago, pp. 229 e 230). Essa linha de tradução foi aceita e mantida na edição da Ubu, na qual se lê, à p. 443: “Em algum momento na história do desenvolvimento de cada ser humano normal, ocorre a mudança da pré-piedade para a piedade”. Na p. 381, temos: “Nesta etapa não há nem mesmo a ausência de compaixão; trata-se de uma época pré-compaixão”. De fato, em certos contextos convém traduzir a palavra *ruth* por “piedade” ou “compaixão”. Mas não convém usá-los como intercambiáveis, conforme permitem a tradução de Bogomoletz e a da revisão da Ubu. Além disso, na escolha desses termos, perde-se os significados éticos originários de arrependimento e de responsabilidade, que são implicados no sentir-se *concerned*, anteriormente à submissão à ética da lei. E, mais, piedade e compaixão são sentimentos sofisticados, semelhantes a simpatia e empatia, que não podem ser atribuídos a um bebê no seu relacionamento com a situação da mãe. Tanto é assim que uma mãe suficientemente boa, sem melindres ou sobrecarga ideológica, não requer nem espera piedade ou compaixão de seu bebê. Os dois sentimentos aparecem também em contextos religiosos, sugerindo penitência, o que está fora de lugar tratando-se do pensamento de Winnicott. O significado comum e etimológico de *ruth* pode ter sido mais uma das razões pela qual Winnicott utilizou essa palavra e não *piety* e *compassion*. Por fim, o termo derivado “impiedoso” tem conotação de agressividade semelhante à referida por “cruel”.

Na nova edição de *Bebês e suas mães*, pela Ubu (p. 44) o termo *ruthlessness* continua sendo traduzido por “crueldade”. Ou seja, o erro de tradução da Martins Fontes, identificado

por Bogomoletz e, como vimos, parcialmente corrigido, foi repetido pelo novo tradutor ou revisor de *Da pediatria à psicanálise*. Isso parece revelar que os tradutores e os revisores técnicos da edição da Ubu não seguiram critérios editoriais uniformes ou, pelo menos, não os aplicaram consistentemente.

Na Escola, para *ruthful*, utilizamos “compadecido” (admitindo a inspiração em *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna). Uma das vantagens dessa escolha é permitir a criação de neologismos – “incompadecido” para *ruthless* e “incompadecimento”, para *ruthlessness* – que nos parecem idiomáticos. E, assim, podemos verter o termo inglês *ruthfulness* como “compadecimento”. Decerto, o significado de “compadecimento” se aproxima do de “compaixão” (e do inglês *compassion*) – inclusive os dois derivam da mesma raiz verbal latina, *patior, pati, passus sum*, sofro, padeço. Entretanto, no português comum, “compadecimento” não tem as conotações afetivas mais sofisticadas (intensas) ou religiosas. O “incompadecimento” tem a mesma vantagem de não evocar falta de piedade, de compaixão religiosa ou mesmo de crueldade.

4. *Concern*

Vamos ao *concern*. A Francisco Alves o traduz por “remorso” ou “preocupação” (p. 281, 440, 442). Conforme vimos, “remorso” aponta para dores da consciência moral e “preocupação” para cuidados ou serviços a fazer. Bogomoletz utiliza “concernimento”, seguindo a Escola (ver nesta edição “Bogomoletz – resenhista e tradutor”). A Ubu utiliza “consideração”. Vejamos.

Para começar, os dicionários da língua inglesa para o português não assinalam essa tradução e, em geral, preferem “preocupação”, o que não satisfaz. Numa nota de rodapé, Bogomoletz comenta: “Sim, a palavra *concern* tem também esse sentido de ‘preocupação’. Mas é um erro dar ao termo este único sentido, como fazem alguns tradutores, pois nesse caso a palavra utilizada em inglês seria ‘worry’, e não ‘concern’” (Imago, p. 367). Segundo, a tradução por “consideração” não é idiomática em português. Só com muito boa vontade, e falando metaforicamente (tratando o bebê de sabidinho), poder-se-ia dizer que ele “leva a mãe em consideração”. Terceiro, surgem dissonâncias semânticas. Em Ubu, p. 305, lemos: “Esse enigma [*puzzle*], felizmente, não precisa ser resolvido agora, pois no momento estamos considerando [*consider*, sic!] o cuidado materno na fase anterior àquela em que o bebê alcança a capacidade de sentir consideração [*feel concerned*] (Ubu, p. 305). Nessa frase, a tradução de *feel concerned* por “sentir consideração” cria óbvio conflito conceitual, que deixa claro que,

linguisticamente falando, a proposta é mal concebida e infeliz. E, depois, o que pode significar “*sentir* consideração”? Consideração se tem ou não se tem; não se sente. É uma atitude, não um sentimento. O *concern* se sente. Digo: o concernimento também se sente. Dificuldades conceituais à parte, no índice remissivo do livro da Ubu, o termo “consideração” vem acompanhado de *concern* entre parênteses, sendo que nenhum outro termo vem acompanhado do termo original. Os editores parecem ter percebido que esse cuidado se fez necessário pois ninguém adivinharia que consideração possa ter algo a ver com *concern*.

5. Greed e greediness

Seguindo o uso da Escola, Bogomoletz traduziu *greed* por “voracidade” e isso fica devidamente assinalado no índice da Imago. O termo *greediness* – em Winnicott, se refere a uma voracidade acrescida da necessidade de reivindicar algo que foi perdido, ou seja, já é um sintoma da tendência antissocial – foi vertido por “sofreguidão” no corpo do texto. “Sofreguidão” poderia até ser utilizado para descrever o fenômeno, mas não é adequado como termo técnico. E tanto é assim que consta no corpo do texto, mas não consta no índice remissivo da Imago; o que consta é “avidez” (*greediness*), expressão que corrobora a tradução praticada na Escola, embora “avidez” não apareça no corpo do texto. Pelo visto, a tradução de *greediness* por “avidez” foi aceita por Bogomoletz, mas sem a devida revisão do texto. O pesquisador tem, portanto, dificuldade para descobrir o que Winnicott diz da *greediness*, da avidez, nesse livro. A edição da Ubu mantém a tradução de *greed* por “voracidade”, e esse termo comparece no índice; mas, conservou igualmente a tradução de Bogomoletz de *greediness* por “sofreguidão” no corpo do texto; só que, no índice remissivo, não se encontra nem “sofreguidão” nem “avidez”. Quem depender do índice da Ubu, tampouco poderá localizar onde, no texto, Winnicott fala sobre a *greediness*.

4. A “atualização” das notas de Bogomoletz

Sem menção e sem a devida justificativa, foram retiradas da edição da Ubu a nota inicial “Sobre a Tradução” e boa parte das notas de Bogomoletz em rodapé. Como elas fazem parte do aparato crítico da tradução criado por ele, em parte em colaboração com a Escola Winnicottiana, e revelam seu cuidado na execução da sua tarefa – distinguindo-o como pioneiro da filologia winnicottiana no Brasil –, reproduzimos os itens mais relevantes desse material na presente edição do *Boletim* (ver o texto “Bogomoletz – resenhista e tradutor” em Resenhas

críticas) para que possa continuar a ser utilizado em pesquisas ao invés de jogado para o esquecimento.

Algumas notas do editor da Ubu são baseadas nas notas de outros tradutores, sem reconhecimento da origem. Dois exemplos: 1) Na Ubu, p. 52, nota 39, o editor praticamente reproduz, como sua, a nota sobre “Primeira infância” (*Infancy*) escrita por Bogomoletz na nota inicial “Sobre a Tradução” da edição da Imago, a qual foi suprimida na edição da Ubu. 2) A nota 3, p. 114, da Ubu, assinada pelo editor, é uma reprodução da primeira frase de uma nota de Jane Russo para a edição da Francisco Alves, nota de pouca relevância, mas que foi mantida pela Imago, p. 86, e, exceto pela primeira frase, suprimida pela Ubu.

Outras notas de Bogomoletz foram “atualizadas”. Na página 16, nota 1, da Imago, referente à Introdução ao livro por Masud Khan, se lê: “Masud Khan utiliza o termo ‘*pulsion*’, e assim foi traduzido”. Trata-se de erro de revisão da Imago. M. Khan adota o termo *instinct* e, no corpo do texto, Bogomoletz o traduz corretamente por “instinto”. O revisor da Ubu reproduz o erro da Imago – ver p. 18, nota 9.

Na Ubu, p. 31, nota 22, o editor, Fulgencio, conserva a nota 1 de Bogomoletz (p. 25 na edição da Imago), mas a corrige, substituindo “de-privação” de Bogomoletz, neologismo justificado por este em “Sobre a Tradução”, por “deprivação”, sem hífen, termo utilizado na Escola Winnicottiana de São Paulo. Com isso, a nota é mantida, mas perde-se exatamente o motivo pelo qual Bogomoletz a escreveu.

Na p. 36, nota 25, o editor ou o revisor da Ubu modifica uma nota de Bogomoletz e, com isso, a torna conceitualmente errada: substituiu, da nota 1 (do tradutor) da Imago, p. 29, o termo “onipotência” por “impotência”. Quem quiser atestar o erro, basta ver, por exemplo, a nota 4, pág. 58 de *O brincar e a realidade*, da Ubu. Como a modificação não foi assinalada, o erro, para quem o perceber, fica creditado a Bogomoletz.

Nas pp. 86-87 da Imago, encontra-se no corpo do texto e não no rodapé, o que é um óbvio erro de revisão, a nota “Notas do Tradutor Atual” (pois havia uma nota anterior da primeira tradutora, Jane Russo). O editor da Ubu (p. 114) suprimiu a nota de Jane Russo, manteve a nota do “tradutor atual” no corpo do texto, trocou o título da nota de Bogomoletz por “Nota do tradutor” e retirou os parênteses que constam na primeira sentença, onde se lê: “A inclusão destes dois primeiros artigos no livro *Da pediatria à psicanálise* (na segunda edição francesa do livro, revista e ampliada, organizada por Kalmanovitch em 1989, eles foram retirados) presta-se à percepção de Winnicott enquanto pediatra.” Do restante da nota mantida depreende-se a razão pela qual os parênteses suprimidos eram importantes para Bogomoletz. De fato, a retirada, na edição francesa, dos dois artigos que Winnicott escreve como pediatra e

que, no original, abrem o livro, torna incompreensível o título *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Note-se que Kalmanovitch não avisou o leitor dessa supressão, mas assinalou que incluiu, sob o mesmo título, nove artigos de Winnicott sobre a psicanálise retirados de coletâneas posteriores. A diminuição da importância do Winnicott pediatra na França deve-se em parte a esse fato editorial inaugural.

Na Imago, p. 223, encontra-se a seguinte nota 1 do tradutor: “Cf. Kant...” (sic). Trata-se obviamente de uma anotação não completada de Bogomoletz, uma espécie de lembrete, e sua manutenção na Imago já foi um erro de revisão. A nota 3, da p. 287 da Ubu corrige: “Ver Immanuel Kant.” Não se esperaria encontrar o nome próprio de Kant como preenchimento das reticências da nota inacabada de Bogomoletz.

Na Ubu, p. 378, falta a tradução de uma sentença inteira, já ausente na edição da Imago (p. 293): *In the child's fantasy the inner world is localized primarily in the belly or secondarily in the head or some other specific bodily area* (Karnac, p. 208).

5. Problemas estruturais do volume

A Ubu fez várias melhorias apreciáveis na diagramação. A editora teve o cuidado de incluir no alto das páginas o título do artigo que está sendo lido, o que facilita, em muito, manusear o livro em busca de um artigo e localizá-lo rapidamente. Isso não existia na edição da Imago, nem nas da Francisco Alves. Foi incluído, ainda, um traço vertical na margem esquerda, ladeando os relatos de casos clínicos, o que torna muito fácil encontrá-los. Essa marcação – tenho dúvidas se gosto desse recurso do ponto de vista estético, mas é certamente muito útil –, que não se encontra nas duas edições brasileiras anteriores, restabelece a possibilidade de identificar os casos clínicos da edição original, tal como ocorre no índice por meio de números de páginas em itálico. Note-se que Kalmanovitch teve o mesmo cuidado, anexando à sua edição de 1989 uma “lista dos principais casos citados por D. W. Winnicott” (pp. 329-433), produzindo, dessa forma, um índice semelhante ao que se encontra em edições das obras de Freud. Tudo isso representa cuidado editorial e merece comemoração, sobretudo porque recentemente, no Brasil, o estudo de casos clínicos de Winnicott recebeu atenção especial a partir da proposta de “análise estrutural” feita por Z. Loparic (ver “Os casos clínicos de Winnicott” no Blog do site do Instituto Winnicott).

Contudo, além das questões relativas à tradução propriamente dita, permanecem alguns problemas estruturais.

Na página de rosto, não consta a referência à Introdução de Masud Khan, que se encontra, com copyright próprio, na edição da Hogarth Press de 1975, e permanece mencionada, na qualidade de um complemento do *Collected Papers*, nas reimpressões posteriores dessa edição pela Karnak, uma das quais foi utilizada por Bogomoletz. A Imago coloca Masud Khan até mesmo na capa 1. Esse texto, escrito por Khan a pedido de Winnicott, originalmente para a edição francesa de *Consultas terapêuticas* promovida por Pontalis, em 1971, foi chamado de *Préface* e intitulado *Une certaine intimité*. Na reedição inglesa de 1975, foi inserido como Introdução nos *Collected Papers*. Não se trata, contudo, nem de um prefácio a *Consultas terapêuticas*, nem de celebração de qualquer tipo de intimidade, nem de Introdução ao *Collected Papers*, mas de uma introdução geral à obra de Winnicott, aquela que estava disponível até 1971, escrita com o objetivo principal de mostrar ao público francês, que desconhecia Winnicott, que a sua prática, tal como descrita em *Consultas*, “estava ancorada numa crescente e intrincada teoria” (Ubu, p. 13). Kalmanovitch deve ter percebido que se trata de uma tese diametralmente oposta à de Pontalis, enunciada em 1984, mas difundida desde anos antes, de que não existe em Winnicott uma “grade teórica” e, fiel à leitura pontalisiana, ela excluiu Khan da sua edição de *De la pédiatrie à la psychanalyse*, de 1989. A edição da Ubu preserva elementos desse histórico, mas não deixa claro que se trata de um texto independente, nem evita a impressão que um leitor desavisado possa ter de que o mesmo texto de Khan seria uma “introdução” a dois livros de Winnicott, de épocas e conteúdos muito diferentes, *Consultas* e *Da pediatria à psicanálise*.

Foi retirado da nova edição o artigo, de 1951/1953, intitulado “Os objetos transicionais e os fenômenos transicionais”, que é o capítulo 18 do original. Um aviso dos editores (p. 8, nota) justifica essa supressão dizendo que esse artigo constituiria o capítulo 1 da nova edição de *O brincar e a realidade* (Ubu, 2019). Acontece que, apesar de terem o mesmo título, os dois artigos não são idênticos. Em 1971, Winnicott fez uma série de modificações na versão inicial de 1951/1953. Tudo isso – o que foi retirado, o que foi acrescentado, o que foi preservado – é comentado na literatura secundária e continua a ser de grande interesse para a pesquisa do tema e para o estudo do desenvolvimento do pensamento de Winnicott. Com a supressão do capítulo, o leitor perdeu, por exemplo, uma menção à adição e outra à pseudologia fantástica, que, em trabalhos posteriores, Winnicott retirou do âmbito dos fenômenos transicionais para tratar dele no campo dos distúrbios antissociais; também ficou sem a interessante e instrutiva comparação entre a sua teoria do objeto transicional e a teoria do objeto fetiche de M. Wulff (1946).

Suprimido o capítulo 18, as referências bibliográficas deste foram extintas e, novamente, lá se foram os dados sobre as possíveis fontes em que o pensamento de Winnicott

se nutriu. Uma outra consequência da supressão injustificável desse capítulo do original é que, após o capítulo 17 da edição da Ubu, a numeração dos capítulos se altera com relação ao original, ou seja, o capítulo 18 e os subsequentes não são os mesmos que no original. Se um estudante for instruído, em aula, a estudar e pesquisar, por exemplo, o capítulo 20 de *Da pediatria à psicanálise*, ou se achar uma indicação em alguma literatura afim, ele lerá outro artigo.

Numa direção totalmente oposta, os organizadores do *Collected Works of Winnicott* (2017) acharam importante reproduzir, seguindo a boa tradição britânica de edição de um texto clássico de um autor clássico, as três versões publicadas do artigo “Transitional Objects and Transitional Phenomena” – a de 1953, que se encontra no *International Journal of Psychoanalysis* (CW 4:2:21); a de 1958, que saiu no *Thought Paediatrics to Psychoanalysis* (CW 5:4:24) e a de 1971, que foi reformulada para ser publicada no *Playing and Reality* [CW 9:3:5] – juntamente com as notas que faziam parte da apresentação original feita por Winnicott à Sociedade Britânica de Psicanálise em maio de 1951 (CW 3:6:6). Com efeito, existem diferenças significativas entre as quatro versões. A diferença entre as duas primeiras – a de 1953 e a de 1958 – não está propriamente no conteúdo, assinalam os editores, mas nas “alterações de formatação, tais como o uso de maiúsculas no termo Not-Me, o uso de itálicos em certas ideias-chave, e mudanças nas posições dos parágrafos, referências e notas de rodapé”. Nas notas editoriais, lê-se ainda que a inclusão de todas as versões foi motivada pelo objetivo “de propiciar a oportunidade de comparação pelos especialistas”.

Além do capítulo 18, a nova edição da Ubu deixou de traduzir o título completo do livro. O título original da obra é, conforme vimos, *Collected Papers: Through Paediatrics to Psycho-Analysis*. Edições inglesas posteriores (a da Hogarth Press, reimpressa pela Karnac) alteram a ordem para: *Through Paediatrics to Psycho-Analysis – Collected Papers*, colocando, portanto, o título original – os *Collected Papers* – como sub-título. Bogomoletz segue a reimpressão da Karnac e traduz o novo subtítulo por “Obras escolhidas”. A Ubu simplesmente omite traduzir “*Collected Papers*”. Isso gera problemas com as referências para pesquisadores. O próprio Winnicott se refere usualmente a essa obra pelo título original da Tavistock, *Collected Papers*. Na bibliografia geral ao final de *Maturational Processes and the Facilitating Environment*, por exemplo, ele identifica seus artigos anteriores a 1958 citando *Collected Papers*. Ao final do capítulo 16 do livro *The Family and Individual Development*, de 1965, há uma nota de rodapé, do autor, em que lemos: “Para um desenvolvimento mais amplo deste tema [de criança deprivada], ver ‘Transitional Objects and Transitional Phenomena’, Capítulo XVIII em *Collected Papers*, por D. W. Winnicott (London: Tavistock Publications)”. Se depender da

edição da Ubu, o leitor dessa nota não achará nem o livro nem o artigo. Veja, também, as cartas 69 (1957), 84 (1962) e 85 (1963). Na edição brasileira da carta 85 se lê, na: “Há capítulos no meu *Collected Papers*, que são relevantes para o seu tema [...]” (p. 120).

Foram suprimidos, do prefácio escrito por Winnicott (ver Ubu, p. 8), os créditos profissionais que ele se atribuiu, como médico do Departamento Infantil do Paddington Green Children’s Hospital (ver Karnac, p. IX). A bibliografia geral no final do livro, assim como a referente à introdução de M. Khan, foram ambas suprimidas e as referências aos autores e obras que as compunham foram postas nas notas de rodapé (salvo as do capítulo 18, suprimido), fugindo do estilo inglês de citação, mais atual e mais difundido no Brasil, e imitando o tradicional francês. Esse é um recurso editorial possível, mas faz perder, entre outras coisas, o acesso fácil ao conjunto de obras citadas que permitiria uma apreensão clara dos autores pesquisados por Winnicott até 1958 ou dos textos de Winnicott até 1974 estudados por Khan. Sem explicação do conselho técnico, o mesmo procedimento não foi adotado em *O brincar e a realidade*, cuja bibliografia extensa foi preservada, como no original, no final do volume.

Se examinarmos o índice remissivo, logo percebemos que ele é muito mais curto que o da edição original e o da Imago. Constata-se assim que foram suprimidas referências a vários nomes próprios importantes (Michael Balint, Fain, Fairbairn, Hermann, Illingworth, Schilder) e que outros, que não constam do original, foram introduzidos, sem que se diga a que título, por exemplo, Flugel. Encontra-se igualmente ali o nome de L. Tolstoi, sem indicação de páginas, pela boa razão de que esse autor não consta do livro original, nem no corpo, nem em nenhuma das referências bibliográficas. Itens importantes foram omitidos (buscando a esmo, constato a ausência de: desamparo, futilidade, idealização, identidade, identificação, inutilidade, mente, não-integração, necessidades, paranoia, preocupação materna primária, sofreguidão etc.). Por fim, salvo em alguns poucos casos, não se encontram os numerosos subitens que constam tanto do índice da edição original da Karnac utilizada por Bogomoletz como no da edição da Imago. Tudo isso representa, nem é preciso dizer, perda significativa para o estudo e a pesquisa.

6. Para terminar

Surge, pois, a pergunta de saber se a edição da Ubu atendeu às expectativas que foram suscitadas por sua ampla divulgação na mídia e em outras publicações. Recentemente, na revista *Cult*, Tales Ab’Sáber, um dos membros do conselho técnico da edição da Ubu, saudou efusivamente essa “nova e fundamental coleção Donald Winnicott”. Em vista do exposto nesta resenha, fica difícil concordar que a Ubu publicou uma coleção Winnicott e não simplesmente

quatro volumes avulsos. Para ser coleção, essa edição precisaria ter sido realizada de acordo com um projeto editorial coerente, o que não é o caso. Vimos que, os três inéditos à parte, essa edição não é exatamente nova. Se, tendo em vista os apontamentos que apresentei, ela será mesmo fundamental para o futuro do ensino e da pesquisa sobre Winnicott no Brasil, os próprios professores e pesquisadores dirão. Resta uma certeza: nos meios winnicottianos do país, a edição da Ubu reacendeu o interesse profissional por qualidade nas edições das obras de Winnicott (o amadorismo editorial precisa ser evitado, quem traduz ou faz a revisão técnica deve conhecer bem não apenas as duas línguas, mas também o pensamento de Winnicott, a boa tradição editorial precisa ser cultivada e respeitada etc.).

A segunda e terceira capas trazem uma empolgada apresentação de Winnicott assinada por Tales Ab'Sáber, um salve efusivo ao Winnicott psicanalista, persistente frequentador da “zona de ilusão”, que teria unido, com “graça” e “alegria”, a “experiência de pensar” e o “valor erótico da vida” e chegado “no limite de uma verdadeira revolução simbólica” disseminada pelo “espaço vivo dos textos”, o Winnicott “que sonhamos de novo”. O que dizer? Desejo bons sonhos a todos os que se valem de Winnicott para sonhar. Entretanto, os leitores terão ainda de esperar que aquele que se dispõe a apresentar o autor de *Da pediatria à psicanálise*, numa edição que se quer fundamental, fique bem acordado para poder atentar para os fatos e evocar também, com a devida precisão, o Winnicott que percorreu o caminho teórico e clínico que passa pela pediatria para chegar à psicanálise, conforme é indicado no título da obra aqui discutida e destacado no prefácio acima citado; que mencione o Winnicott médico do Paddington Green Children's Hospital, posição pela qual ele mesmo se apresentou na edição original inglesa, identificação mantida em Bogomoletz, mas omitida na edição da Ubu; que valorize o Winnicott psicoterapeuta, profissional da saúde mental, que trabalhou décadas a fio, incansavelmente, chegando por vezes ao limite da exaustão física, como pediatra, psiquiatra infantil e assistente social em *ambientes reais* de clínicas, hospitais, consultórios e abrigos; que reconheça os méritos do Winnicott cientista, que desenvolveu a pesquisa científica sobre saúde e doença de bebês, crianças e adultos, deixando imensa contribuição para o estudo da natureza humana e para o tratamento de distúrbios maturacionais, incluídos os mais severos. Enfim, o que se esperaria é que o apresentador não tampe os ouvidos para o que diz o Winnicott revolucionário que, nos seus últimos dias, em 1971, em uma das últimas páginas por ele escritas, quebrou o silêncio e conclamou seus pares para uma revolução nas atividades terapêuticas de todas as suas áreas de atuação, e para uma mudança radical, ao mesmo tempo teórica e prática, que até então ele estivera produzindo silenciosamente. O espaço cultural da Inglaterra quis que esse pedido, preso na sua garganta durante a vida toda, permanecesse inédito

até 2013, quando foi divulgado, em versão escrita de próprio punho, na capa da coletânea *Donald Winnicott Today* (Routledge), organizada por Jan Abram. Só então o último pedido de Winnicott chegou ao público, para, quem sabe, ser entendido e também atendido.

Seja como for, agora quando comemoramos o 50º aniversário da morte de Winnicott, não há dúvida de que a empreitada editorial da Ubu possui o grande mérito de ter dado destaque ainda maior a esse pensador, que – tenho certeza, muitos entre nós concordariam – é um dos maiores do nosso tempo.